

O CONHECIMENTO E A FORMAÇÃO DO JORNALISTA

Marcia Reami PECHULA
Professora no Instituto de Artes,
Comunicações e Turismo e no Instituto
de Filosofia da PUC-Campinas

RESUMO

O artigo traz algumas reflexões acerca da formação profissional em jornalismo, que possui um conflito implícito na relação teoria-prática, tanto na proposta pedagógica dos cursos, quanto na visão de sua clientela que chega à universidade com um conceito pré-formado por meio da mídia. Essa situação é geradora de um sério problema no que diz respeito à formação do aluno para o mercado de trabalho. E está relacionada a um outro aspecto simultâneo a este que é o conflito existente na própria conceituação e função do conhecimento dito racional, de base científica e, portanto, verdadeiro, que atualmente contrapõe o conhecimento Moderno ao Pós-moderno.

Palavras-chave: *Conhecimento. Formação do Jornalista. Pós- modernidade.*

ABSTRACT

This article brings some reflections on the graduation course in journalism. There is an implicit conflict between the theoretical-practical relation in the pedagogical proposal of the courses as well as in the view of the clients who enter the University with a

Marcia Reami PECHULA

pre-conception created by the media. This situation generates a serious problem for the graduation courses, which prepare journalists to work in the field. This is also closely related to the existing conflict in the conceptualization and functioning of the so called rational knowledge, scientifically based and, therefore, true, which nowadays refutes Modern and Post-modern knowledge.

Key-words: Knowledge. Journalist Preparation. Post-modern.

Introdução

Partindo-se do princípio de que a formação acadêmica deve desenvolver simultaneamente uma sólida e vasta referência teórica (intelectual) e uma boa formação técnico-profissional, vê-se, no papel da universidade, a transmissão de um conhecimento voltado para o atendimento dessas duas necessidades. A universidade não pode restringir-se meramente à formação técnica do aluno.

No entanto, o referencial empregado à formação do aluno na educação brasileira, desde o ensino fundamental, está voltado para o atendimento das exigências mínimas de alfabetização e à preparação do indivíduo para o mercado de trabalho, o que privilegia a formação educacional voltada para uma aplicação técnica, provocando uma bifurcação na relação teoria/prática, hipervalorizando o ensino de base puramente técnica.

Essa situação é geradora de um sério problema no que diz respeito à formação profissional. No caso específico da formação profissional em jornalismo, ela reflete um conflito implícito na relação teoria/prática, tanto na proposta pedagógica dos cursos, quanto na visão de sua clientela que chega à universidade com um conceito pré-formado por meio da mídia.

No bojo dessa discussão, este artigo pretende trazer algumas reflexões acerca da bifurcação entre teoria e prática e relacioná-la a um outro aspecto simultâneo a este que é o conflito existente na própria conceituação e função do conhecimento dito racional, de base científica e, portanto, verdadeiro, que atualmente contrapõe o conhecimento Moderno ao Pós-moderno.

O conhecimento e a formação do jornalista

1 - Considerações sobre a formação do jornalista

Há uma forte tendência, influenciada pelas “tecnologias midiáticas”, de que a formação do jornalista deve estar voltada para o domínio de técnicas avançadas. Essa tendência, sem nenhum dado estatístico, arrisca-se dizer aqui, é predominante no meio acadêmico, principalmente em relação à expectativa dos alunos. Isso se explica por dois motivos: primeiro, em função da má formação, tanto no ensino fundamental quanto médio, que não estimula os alunos a pensar, a escreverem, ou mesmo a estudarem. Segundo, há a expectativa em relação ao mercado de trabalho, sobre o qual eles possuem apenas um imaginário, recebido pelos próprios meios de comunicação.

A estrutura dos cursos e a postura dos próprios professores auxiliam na consolidação dessa visão bifurcada, na medida em que estes estão divididos em acadêmicos e profissionais, raramente ocupando as duas funções. Explicando melhor, ou o professor está vinculado à vida acadêmica e portanto privilegia o ensino e a pesquisa, ou ele está mais diretamente ligado à prática técnico-profissional, tornando o espaço acadêmico apenas um momento de exposição de suas experiências profissionais.

Tal situação provoca uma reação de resistência por parte dos alunos quanto à postura desejada na universidade. A vida acadêmica não é movida pelo interesse, muito menos pela paixão aos estudos, mas, ao contrário, eles vêm na oferta de estudos proposta pelos professores uma condição “chata” e obrigatória, o que não estimula a dedicação na elaboração dos trabalhos, que, na maioria das vezes, resulta em apenas cópias ou plágios dos textos e modelos constituintes do meio acadêmico e social. Assim, a universidade em seu aspecto geral reflete uma grande falta de criatividade. Há um conformismo generalizado, tanto dos alunos quanto dos professores, com a mera reprodução dos modelos já existentes. Isso empobrece a produção acadêmica e cria o imaginário de que ela se torna cada vez mais algo “dispensável”, fomentando o debate em favor do ensino puramente técnico-profissional.

Contudo, faz-se necessário ampliar as considerações em referência a esse problema em direção a um outro, simultâneo, que é o campo do conhecimento, ou melhor, do conceito atribuído ao conhecimento. Para tanto, é necessário expor aqui as referências conceituais que giram em torno do ato de conhecer. Essas referências possibilitam a melhor compreensão da percepção que se tem, principalmente na universidade, a respeito da definição dada ao próprio ato de conhecer algo, ou seja, a aceitação da definição do objeto concebida como verdadeira e por isso objetiva e válida para toda a comunidade acadêmica.

Expor essas referências exige um breve retorno ao histórico do processo do conhecimento pelo menos desde o advento da chamada modernidade que inaugura a explicação e definição de tudo o que se pode conhecer como mérito da razão humana, sendo esta o sujeito do processo do conhecimento, capaz de definir os conceitos com objetividade, estabelecendo, também, o método correto que garante o conhecimento verdadeiro. Os modelos de conhecimento que têm por base a racionalidade desenvolvem-se e encontram seu apogeu na segunda metade do século dezoito. No entanto, outro cenário começa a ser esboçado no início do século vinte. Esse é resultado de toda a crítica a respeito do que se tinha definido até então como verdade em todas as áreas de conhecimento e será responsável pelo surgimento de um movimento contrário aos conceitos e métodos da modernidade; esse movimento será nomeado por estudiosos, pesquisadores e mesmo pelos seus próprios representantes, de pós-modernidade.

2. Sobre a modernidade, modernização e modernismo

O conhecimento moderno é definido no campo da teoria do conhecimento como Modernidade. Esta abrange as esferas históricas e conceituais e refere-se, antes de mais nada, a um movimento de rejeição e superação de um modelo anterior que era feudal, de caráter teológico. A modernidade, nesse sentido, é considerada como *“a proposta mais generosa de emancipação jamais oferecida ao gênero humano”* (Rouanet, 1987: 27).

O projeto da Modernidade pode ser caracterizado como o rompimento com o passado; prescreve uma temporalidade livre (palavra-chave da modernidade), seu ideário propõe a libertação da razão das determinações teológicas. Retoma o conceito de Estado, propõe o exercício da cidadania, a defesa da propriedade privada, o direito de igualdade entre os homens, independente do crivo religioso. É o movimento da “crença” na ciência objetiva, na moralidade humana, na arte autônoma e na lei universal (Cf. Rouanet, 1987).

Canclini (1997:31-32) caracteriza a modernidade como um projeto movido por quatro movimentos básicos: um *“projeto emancipador”*, que caracteriza a racionalização da vida social e do individualismo crescente, sobretudo nas grandes cidades; um *“projeto expansionista”*, caracterizado por um conhecimento dominante, que promove as descobertas científicas e o desenvolvimento do capitalismo. Um terceiro, *“renovador”*, abrange a concepção de mundo laicizado e a necessidade de *“reformular várias vezes os signos de distinção que o consumo massificado desgasta”*. O quarto projeto é o *“democratizador”*, que

O conhecimento e a formação do jornalista

prevê que a educação, a arte e o saber especializado garantam a “*evolução racional e moral*”; caracteriza-se pelos programas educativos de popularização da ciência e da cultura empreendidos por governos liberais.

O pensamento moderno encontra seu apogeu no Iluminismo, concebido como o “*século das luzes*”. No entanto, segundo D. Harvey (1996:23):

o pensamento iluminista abraçou a idéia do progresso e buscou ativamente a ruptura com a história e a tradição esposada pela modernidade. Foi, sobretudo, um movimento secular que procurou desmitificar e dessacralizar o conhecimento e a organização social para libertar os seres humanos de seus grilhões.

Por isso, o Iluminismo representa mais do que o desenvolvimento da modernidade; ele é, também, a causa da chamada crise das ciências que desabrocha nas primeiras décadas do século vinte.

Quanto ao projeto de modernização (que abrange as esferas econômica e política), este é caracterizado pelo processo de desenvolvimento das sociedades industriais. A relação social é permeada (e até certo ponto definida) pela esfera econômica. Segundo F. Jameson (1996:61), o capitalismo distribui-se em três etapas sucessivas: a primeira, é o *capitalismo de mercado*, que nos países em desenvolvimento ocorreu tardiamente (como é o caso brasileiro); a segunda, é a *monopolista*, que se expressa no capitalismo imperialista que domina o setor industrial. A terceira etapa, *multinacional*, representa o desenvolvimento da superprodução; esta é altamente tecnologizada, substituindo a produção braçal pela tecnologia e informatização. Segundo Jameson, é nessa etapa que se forja a pós-modernidade.

Em referência ao aspecto econômico-político, o processo de modernização é identificado pela presença do modelo liberal (garantia do bem-estar social), seguido pelo neo-liberalismo econômico (devolução ao setor privado, de parte das atribuições do Estado). O poder político, centralizado, é representado pelo princípio da democracia; percorre um caminho que engendra a constituição de partidos fortes, representantes dos anseios da sociedade, que formam duas forças antagônicas: de direita e de esquerda.

No campo da arte e literatura, que corresponde ao chamado modernismo ou modernidade cultural, há uma perspectiva, em obediência ao aspecto filosófico, de universalizar os conceitos e estabelecer métodos de elaboração e análise das obras de arte, assim como da literatura. Dessa forma, a arte também adquire caráter universalizante. O artista torna-se um representante social, um

sujeito - leitor da realidade - que, obedecendo aos padrões estabelecidos, expressa em sua obra seu conceito de realidade.

2.1 O pós-moderno como reação ao moderno

Segundo definição de Linda Hutcheon (1991:13):

a pós-modernidade é um fenômeno cultural atual que existe e tem provocado muitos debates públicos; por isso, merece uma atenção crítica (...) ela é a recusa dos padrões modernos que conduzem ao desafio de se evidenciar a fabricação de fatos históricos a partir de acontecimentos brutos do passado, ou em termos mais gerais, a maneira como nossos diversos sistemas de signos proporcionaram sentido a nossa experiência.

Essa discussão que gira em torno da conceituação do termo pós-moderno ganha fôlego histórico, principalmente a partir da década de 50; e é o reflexo da crise estabelecida desde o fim do período iluminista, que resulta numa crítica acirrada à imposição de modelos rígidos de conhecimento e métodos de análise a todas as esferas da vida humana. Na perspectiva de vários pensadores (Lyotard, Foucault, Derrida, entre outros), é um processo de redefinição do conhecimento desvinculado dos modelos estabelecidos no período iluminista. Segundo Rouanet (1987:12):

depois de Marx e Freud, não podemos mais aceitar a idéia de uma razão soberana, livre de condicionamentos materiais e psíquicos. Depois de Weber, não há como ignorar a diferença entre uma razão substantiva, capaz de pensar fins e valores; e uma razão instrumental, cuja competência se esgota no ajustamento de meios a fins. Não é possível escamotear o lado repressivo da razão a serviço de uma astúcia imemorial, de um projeto imemorial de dominação da natureza e sobre os homens. Depois de Foucault não é lícito fechar os olhos ao entrelaçamento do saber e do poder.

Esses pensadores refletem a crítica sobre o Iluminismo. Representam a abertura para os novos conceitos que irão romper com os modelos, padrões e métodos impostos pela modernidade. Na realidade, os críticos pós-modernos atestam o óbito da modernidade (Cf. Rouanet, 1987). É a rejeição a todas as imposições nas áreas da economia, política, ciência, filosofia e arte, de bases modernas. A pós-modernidade é o momento das substituições de valores e conceitos.

O conhecimento e a formação do jornalista

No que se refere à esfera econômica ocorre a substituição da industrialização pela informatização, é o modelo da economia pós-industrial que “decreta” a falência do processo de produção seriada (fordismo) e engendra a economia informatizada, pluralizada, globalizada. No âmbito político, ocorre o fim da centralização do poder concentrado nos grandes partidos e instituições. Esse modelo, segundo a crítica pós-moderna, engendrou os movimentos totalitários (nazismo, fascismo) e, juntamente, com o imperialismo econômico, provocou as duas guerras mundiais que assolaram o mundo. A partir da década de 60, privilegiavam-se as organizações micrológicas, que reúnem pequenos grupos em função de interesses comuns (homossexuais, mulheres, negros, etc). O conceito de Estado perde o seu valor moral e a questão da cidadania e do respeito coletivo cedem lugar para o individualismo isolado e privilegiado em função do valor restrito ao indivíduo (Cf. Rouanet, 1987).

Na esfera da cultura e arte as mudanças são mais radicais ainda. Segundo Jameson (1996:28), o pós-modernismo revela um *“fascínio pela paisagem degradada do brega e do kitsch”*, aliás, este termo apresentado por Umberto Eco (s/d:70) refere-se ao mau gosto, que não é mais analisado em referência a uma medida, caracterizando-se pela “pastichização” do que era apresentado como clássico, misturando padrões e descaracterizando a obra. Ocorre ainda a hipervalorização do vídeo (principalmente a TV) que promove um grande consumo dos seriados e dos filmes “B” hollywoodianos. A literatura experimental - que reúne a colagem de vários textos - caracteriza-se pelo intertexto, resultante de uma produção independente dos padrões da literatura moderna; é sem modelagem de estilo.

Quanto à filosofia e ciência, há um confronto explícito entre o saber legitimado pelo iluminismo moderno e o pragmatismo (sem imposição de modelos absolutos). O conhecimento, no conceito pós-moderno, busca sua própria legitimidade por vias opostas às da modernidade, valorizando a heterogeneidade, a diferença, a superficialidade dos gêneros pela anarquia (fim da padronização de conceitos e métodos) e pela paralogia (registro da impressão imediata do conhecimento). A teoria da história contínua é desprezada, despolitizada e voltada para a hipervalorização da estética. Também o campo da ética sofre alterações bruscas. Rejeitando-se os modelos tanto da moralidade cristã, quanto da moralidade laica e universal, a moralidade pós-moderna possui uma postura que prima pelo anarquismo, reflete a expressão do individualismo, cujos referenciais são particularizados, fechados aos interesses de pequenos grupos reunidos por identidades comuns. Isso provoca uma rediscussão de temas tais como: identificação da moralidade, expressão da liberdade, consciência crítica, ideologia, etc.

O grupo à frente dessas discussões, chamado de pós-estruturalista, é representado principalmente por Foucault, Guattari, Deleuze, Derrida, entre outros, que combatem a razão moderna enquanto um instrumento de poder opressor e imperialista. Assim, a ciência e a filosofia pós-modernas colocam-se em favor do conhecimento fragmentado, definido e restrito à realidade da comunidade investigadora.

No entanto, não há uma expressão única que possa identificar o pós-modernismo (e parece que nem é esta a pretensão dos pós-modernos). Mas, Rouanet (1987:249), orientado pela análise de Andreas Huyssen, divide o movimento pós-moderno em dois grandes segmentos: o primeiro, abrange a década de 60 e caracteriza-se pelo apogeu da *new left* (“nova esquerda”), da contracultura, dos movimentos pacifistas. É anárquico e vanguardista. Não representa uma ruptura com o alto modernismo (apogeu da literatura e arte modernas), mas apenas um rompimento com o excesso de institucionalismo e com a cultura oficial. É atraído pelas novas tecnologias que surgiam empolgando a sociedade (progresso dos meios de comunicação, principalmente a TV). O segundo segmento desenvolve-se a partir dos anos 70 e caracteriza-se por uma postura de grande apatia em relação aos valores modernos, tais como ética, política, cultura, etc. É um movimento de despolitização, desmobilização social, desconstrução da arte moderna e de negação da cultura dividida entre erudita e popular. É o enaltecimento do *kitsch*, do pastiche. Segundo Rouanet (op. cit.: 27), esse segmento *caracteriza o esgotamento da primeira geração. Sobrevive apenas um certo interesse na recuperação das tradições esquecidas e reprimidas, como as das mulheres e as das culturas do 3º mundo*. Já para Jameson (1996:119-149), esse movimento representa a ausência de criatividade; é a imitação pela imitação, expressa a *canibalização do passado e a hipervalorização do presente*.

Seguindo a ótica de Rouanet (op.cit.:250-285), pode-se afirmar que a postura crítica dos pós-modernos “decreta” não só o *envelhecimento da Modernidade*, mas também a *morte do sujeito* (centro do processo do conhecimento moderno), o que se caracteriza pelo abandono dos conceitos, considerados velhos e ultrapassados, desprovidos de sentido. Entretanto, faz-se necessário considerar, em concordância com a postura de Jameson, que o pós-modernismo, mais do que a pura rejeição dos valores modernos, é o reflexo do individualismo, gerado pela própria Modernidade, e do desejo de poder que caracteriza a posse, mesmo que fragmentada, descentralizada. Ora, todos esses fatores são gerados pelo próprio ideário da Modernidade (Liberdade, Igualdade, Fraternidade).

O conhecimento e a formação do jornalista

Mas o movimento pós-moderno pode, de fato, ser considerado uma ruptura que representaria um novo momento histórico identificado por um novo sistema? A resposta dada por Rouanet e Jameson é não. Com teorias divergentes, ambos têm um ponto em comum: vêem o movimento pós-moderno como uma crise que representa a resistência às imposições da Modernidade, que se constituirá em um novo padrão de leitura do próprio conhecimento, assim como da sociedade e da cultura. Entretanto, isso não significa que a pós-modernidade é vista com bons olhos por esses teóricos. Jameson tem uma postura extremamente negativa em relação à pós-modernidade, pois a vê como um momento de demolição de conceitos e valores que provocam a perda do sentido do social.

Preocupações filosóficas à parte, voltemos ao problema da situação de conflito existente na universidade em função da relação teoria/prática. Como o mundo das comunicações foi um dos mais “atingidos” pelo desenvolvimento tecnológico, fica claro que este não estaria fora do debate, uma vez que ele fica preso tanto à função de estabelecer a comunicação, quanto à tarefa de empregar os meios para sua transmissão. Não se pode negar a forte influência do movimento pós-moderno junto aos meios de comunicação e, principalmente, nas universidades. Para verificar isso, basta lembrar que parte significativa das pesquisas de pós-graduação na área de Comunicação é inspirada pelas teorias pós-modernas, com fundamentação pós-estruturalista (são pesquisas de produtos voltados para uma informação rápida e imediata e que em sua maioria não discute os problemas de fundamentação teórica). É claro que isso repercute nas posturas tanto dos professores, quanto dos alunos, gerando, às vezes, até uma distorção em relação à importância dos conteúdos teóricos, principalmente os referentes às questões econômicas, políticas, sociais e culturais, o que inevitavelmente conduz ao debate referente à pertinência do conteúdo teórico-científico de forma específica e separado (não desvinculado) do conteúdo técnico.

Para finalizar esta reflexão, deve-se lembrar, ainda, todo o histórico, não só acadêmico, mas educacional caracterizado pelo modelo da educação e formação profissional que, no caso brasileiro, é resultante da mistura de vários modelos importados que sempre tiveram como prioridade atender às necessidades imediatas exigidas pelo mercado de trabalho. Isso quer dizer que, além de nosso modelo educacional ser retalhado, ele é também gerador de uma situação polarizada, em direção a uma postura sempre bifurcada, que distancia, principalmente na formação profissional, a relação entre o conhecimento teórico-científico e o emprego da técnica para o exercício da profissão. Para exemplificar, basta lembrar que, no processo de formulação das Leis de Diretrizes Curriculares do Ensino de Jornalismo (solicitada pelo MEC em substituição ao currículo mínimo

existente na antiga LDB), o debate mais caloroso é referente ao perfil do curso: se mais voltado à formação teórica (básica) ou técnica (específica); e, em decorrência desse, o debate sobre a distribuição percentual dos conteúdos curriculares entre específicos e básicos. Porém, deve-se deixar esse problema para outro momento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANCLINI, Nestor G. *Culturas Híbridas*. Trad. Ana Regina Lessa/ Heloisa P. Cintrão, São Paulo: Edusp, 1997
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*, 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, s/d.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-modernismo*, trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991
- JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*, trad. Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 1996
- ROUANET, Sérgio Paulo. *As Razões do Iluminismo*, São Paulo: Companhia das Letras, 1987
- THOMPSON, J.B. *A Mídia e a Modernidade - uma teoria social da mídia*, trad. Wagner de O. Brandão. Petrópolis: Vozes, 1998